

UMA REFLEXÃO SOBRE A LITERATURA E CINEMA: QUESTÕES DE ENSINO.

Autor: Werlaynne Kelly Anacleto Quaresma Estrela

*Universidade Estadual do Rio Grande do Norte
E-mail: werlaynnequaresma@gmail.com*

Resumo: O presente artigo apresenta uma proposta metodológica de aliar as duas formas de narrativas: literatura e cinema afim de promover a leitura de textos literários no âmbito escolar. A literatura é o instrumento indispensável para o educando, visto que, contribui para seu desenvolvimento cultural, intelectual e pessoal. Posto isso, o objetivo da proposta é servir de uma tecnologia, a adaptação fílmica, com o intuito de motivação para a leitura da obra literária, e não de substituí-la. Sob essa linha de raciocínio, é necessário ressaltar que o ensino de literatura através do cinema deve ser visto como facilitador do conhecimento, visto que filmes são ferramentas atraentes para o aluno porque trazem maior dinamicidade e praticidade para o ensino. Daí a relevância da mediação do professor que deverá nortear o aluno, chamando atenção para aspectos que devem ser considerados relevantes para a discussão, a exemplo da diferença existente entre esses dois suportes; literatura e filme, esclarecendo o motivo dessa diferença, bem como analisar a obra, atentando para os elementos essenciais que fazem do texto uma obra literária. Nisso, para fundamentar as discussões, foram utilizados o suporte teórico de diversos autores que debatem questões relacionadas a literatura e cinema, no âmbito do ensino escolar. Dentre eles, alguns merecem destaque: Cosson (2014), Stam (2000), Bazin (1991), Brito (2006), Xavier (1996).

Palavras-chave: Literatura, Cinema, Ensino.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é discutir questões relativas às intersecções entre literatura e cinema no âmbito escolar, com o intuito de destacar o valor das novas tecnologias para a produção de conhecimento, bem como elemento chave na promoção da motivação para a leitura do texto literário, notadamente o uso de filmes. Este elemento da motivação é peça chave na concepção de Cosson (2007) para se atrair o aluno para a leitura literária, na trajetória rumo ao letramento literário. Diante disso, serão tecidas considerações fundamentais para o professor utilizar-se dessa importante ferramenta de trabalho - o cinema - no contexto do Ensino Fundamental.

Estas discussões são relevantes também para que se reflitam sobre a “crise da leitura” (literária) no Brasil, o lugar da literatura dentro e fora da sala de aula, uma vez que enquanto as obras propostas pela escola sofrem resistência por parte de muitos alunos, esses mesmos, em sua maioria, são leitores frequentes e até ávidos de best-seller, muitos dos quais foram adaptados para o cinema. Diante disso, este artigo trará à tona o valor do trabalho com literatura na linguagem fílmica para despertar o prazer de ler literatura nos alunos.

METODOLOGIA

Para a realização deste artigo, fruto de um trecho da nossa monografia de conclusão do Curso de Especialização em Estudos Literários da UFCG, foi feito um levantamento bibliográfico acerca do estado da arte, com o intuito de melhor fundamentarmos a nossa prática pedagógica, visto ser este um dos objetivos centrais desta pesquisa, sobretudo porque

entendemos que a formação do professor é fundamental para uma boa prática pedagógica. Diante disso, entendemos que, embora muitos Cursos de Graduação em Letras não disponha de uma matrix curricular capaz de oferecer uma boa formação para o professor de literatura, o professor deve, ciente da relevância do seu papel social, procurar suprir suas carências. Portanto, a pesquisa bibliográfica é fundamental para que o docente esteja sempre buscando atualização e capacitação.

Assim, para melhor fundamentar as discussões, buscamos o suporte teórico de diversos autores que trazem para o centro do debate questões de literatura e cinema, no âmbito do Ensino Fundamental. Dentre eles, destacamos os documentos oficiais, os PCN (1998), visto que, mesmo sendo falho no quesito literatura, é o norteador do ensino dessa disciplina no Brasil. Ademais, contribuíram Stam (2000), Bazin (1991), Brito (2006), Xavier (1996), dentre outros.

RESULTADOS

Na atualidade, as informações sobre os mais diversos assuntos circulam muito rapidamente, portanto, tratar de leitura no contexto dessa dinâmica do mundo da informação torna-se um desafio. Esta é uma discussão pertinente às ações contemporâneas, visto que as pessoas interagem com o mundo, pois são capazes de lê-lo de várias formas e de maneiras diferentes, em vários sentidos, conferindo-lhe múltiplos significados.

Vivemos o momento mais dinâmico na era da comunicação, a era digital, de modo que a maioria da população vive de forma intensa ligada às novas tecnologias. A popularização da internet, juntamente com a produção em massa dos aparelhos digitais, facilita o acesso à informação de forma significativa. Com essa invasão das tecnologias a cultura visual torna-se uma constante em todos os lugares, inclusive na escola. Ora, a tecnologia é uma aliada na construção do conhecimento e o professor deve estar preparado para utilizá-la, conforme postula Brasil (1998, p. 89):

A análise mais rigorosa da questão, na realidade atual, não coincide com tais previsões, pois a leitura e a escrita continuam muito presentes na sociedade e, em particular, no âmbito do trabalho. Porém, não há como negar que as novas tecnologias da informação cumprem cada vez mais o papel de mediar o que acontece no mundo, editando a realidade.

A presença constante de novos meios de comunicação exige que a escola eduque os alunos para a recepção e uso dessas novas tecnologias, não só os alunos como todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem de forma geral. O professor deve estar preparado para lidar com as constantes mudanças na nossa sociedade, o novo deve ser visto como uma oportunidade de crescimento, tanto para ele como para os alunos. Assim, as novas tecnologias são recursos que devem ser utilizados na sala de aula, porém o professor, a todo momento, deve tentar influenciar os alunos para que não deixem de lado o interesse pelo livro. Nessa perspectiva, o ensino de literatura através do cinema deve ser visto como facilitador do conhecimento, uma vez que filmes são ferramentas atraentes para o aluno porque trazem maior dinamicidade e praticidade para o ensino.

No dia a dia das escolas, na atualidade, os textos literários têm servido, muitas vezes, de pretexto para o ensino de gramática, com o objetivo de se trabalhar a parte ortográfica, deixando de lado a parte literária ou são vistos também como meros passatempos, não lhes sendo dada a sua devida importância. A escola deve, através do professor, mudar as concepções que as pessoas não gostam de ler, os alunos não gostam de ler pelas condições que subjazem à relação leitor/texto que são, muitas vezes, paralisantes, no que diz respeito à

escola e, em especial, na sala de aula. Assim, trabalhar a questão do letramento literário significa adentrar a essência de todas as competências culturais. Sendo assim, deve-se usar os meios necessários para despertar no aluno o desejo pela leitura, mesmo que ela venha através de outros meios para facilitar esse acesso.

O cinema, apesar de ser uma arte distinta do texto literário, tem suas características e peculiaridades que podem ser utilizadas para aflorar o gosto pela leitura. O livro e o filme são canais diferentes de transmissão de conhecimento, o primeiro trabalha com o a escrita/leitura e, o segundo, com o audiovisual. No espaço escolar, os dois podem formar uma dupla eficiente, haja vista o grande número de obras literárias adaptadas para o cinema. Deve-se ter em mente que o filme não é cópia do livro e que exigir fidelidade é não compreender que são artes diferentes. Stam (2000, *apud* AMORIM, 2009, p. 2606) afirma:

[...] os vários recursos do cinema possibilitariam uma maior expressão para a exposição das mais diferentes emoções, combinando o verbal com a densidade informacional contida nas imagens, assim como fatores relacionados à intensidade sonora: música, ruídos, entonação, etc. o que também não justificaria a superioridade do cinema em relação à literatura.

Não se pode esquecer de que o ato de assistir a um filme adaptado de uma obra literária abre espaço para o surgimento de novos leitores e uma busca pelos livros que inspiraram os filmes, movidos pela curiosidade de ler a obra escrita em sua integralidade. Quando uma obra literária é adaptada para o cinema motiva a busca em potencial pelo livro que deu origem a adaptação, assim assistir a um filme permite que o aluno possa ver e ouvir ao mesmo tempo, contribuindo para uma maior aprendizagem sobre leitura em outras mídias.

As adaptações de obras literárias, por diferentes que sejam dos textos, geram um aumento significativo nas vendas dos livros e tanto o distanciamento como a aproximação das adaptações com o original causam um ganho para a literatura. A este respeito, Bazin (1991, p. 93) argumenta:

Esse raciocínio está confirmado por todas as estatísticas da edição, que acusa um aumento surpreendente da venda das obras literárias depois da adaptação pelo cinema. Não, na verdade a cultura em geral e a literatura em particular não têm a perder com a aventura.

Quando surgiram as primeiras adaptações para o cinema de obras literárias, havia a preocupação com a o equilíbrio da qualidade da obra. Segundo Bazin (1991, p. 96):

Quanto mais as qualidades literárias da obra são importantes, mais também ela exige um talento criador para reconstruir de acordo com um novo equilíbrio, de modo algum identico, mas equivalente ao antigo (...) Considerar adaptação de romances como um exercício preguiçoso com o qual o verdadeiro cinema, o “cinema puro”, não teria nada a ganhar, é, portanto, um [contrassenso] critico desmentido por todas as adaptações de valor. São aquelas que menos se preocupam com a fidelidade em nome de pretensas exigências da tela que atraem a um só tempo a literatura e o cinema.

Durante muito tempo, ainda nas décadas iniciais das adaptações literárias para o cinema, cineastas expressavam muita preocupação com relação à qualidade da adaptação baseada no texto literário, pois havia uma preocupação com relação à fidelidade da obra, uma vez que não existia ainda a liberdade e independência que se tem hoje, tanto é que o cinema era chamado de “cinema puro”. O interessante é que no princípio já era notório que aqueles que menos se preocupavam com as exigências da fidelidade acabavam atraindo o público para conhecer as duas artes e, é assim, que o cinema deve ser visto pelos professores e alunos, como uma arte que atrai ao mesmo tempo para a literatura e para o próprio cinema.

Sobre os processos de adaptações, deve-se levar em consideração alguns conceitos que o professor precisa observar quando estiver fazendo a análise do texto e do filme com os alunos. São conceitos que só poderão ser aplicados mediante a leitura do texto literário, segundo Brito (2006, p. 20):

- Redução – Elementos que estão no texto literário (romance, conto ou peço) e que são retirados da adaptação fílmica;
- Adição – Elementos que estão no filme sem estarem no texto literário;
- Deslocamento – Elementos que estão em ambos, filme e texto literário, mas não na mesma ordem cronológica, ou espacial;
- Transformação propriamente dita – Elementos que, romance e no filme, possuem significados equivalentes, mas tem configurações diferentes;
- Simplificação – Uma transformação que consistiu em, no filme, diminuir a dimensão de um elemento que, no romance, era maior;
- Ampliação – Uma transformação que consistiu em, no filme, aumentar a dimensão de um ou mais elementos do romance.

Diante disso, o processo de comparação entre literatura e cinema deve “[...] procurar estabelecer a relação entre os recursos escolhidos e o conteúdo da obra, textos literários e filmes, individualmente concebida” (BRITO, 2006, p. 21).

Observando esses elementos da adaptação, torna-se mais fácil a assimilação por parte dos alunos das semelhanças e diferenças entre o texto e o filme. O professor pode sugerir para os alunos que observem em casa, quando estiverem assistindo, elementos da adaptação. Na verdade, a adaptação sempre foi motivo de muitas polêmicas, principalmente por ser considerada infiel à obra literária. O cinema e o público exigiam a fidelidade à obra literária, mas nas últimas décadas, em especial os dias atuais, percebe-se que essa exigência esta sendo deixada de lado e há liberdade e autonomia de criação, conforme os debates de Xavier (1996, p. 62):

O livro e o filme nele baseado são vistos como dois extremos de um processo que composta alterações de sentido em função do fator tempo, a par de tudo o mais que, em princípio, distingue as imagens, as trilhas sonoras e as encenações da palavra escrita e do silêncio da leitura.

No início da história do cinema, por ser ela uma arte nova, a cinematográfica, o cineasta era visto apenas como um plagiador da literatura. Bazin (1991, p. 84) afirma que, “[...] do mesmo modo que é a educação de uma criança se faz por imitação dos adultos que a rodeiam, a evolução do cinema foi inflectida pelo exemplo das artes consagradas”. Nesse sentido, o cinema e a literatura devem ser vistos como parceiros que conversam:

[...] o artista não imita a natureza, mas sim outros textos. Pinta-se, escreve-se ou faz-se filmes porque viu-se pinturas, leu-se romances, ou assistiu-se a filmes. A arte, neste sentido, não é uma janela para o mundo, mas um diálogo intertextual entre artistas (STAM, 2008, p. 44).

Ensinar literatura através de vídeos torna a aula muito mais dinâmica, o que só reforça a absorção de informações por parte de quem assiste, o seu uso pode e deve ser utilizado como meio pedagógico para facilitar a assimilação de conteúdos:

O vídeo possibilita desenvolver múltiplas atitudes receptivas, pois permite que se interrompa a projeção para fazer um comentário; que se volte a fita, após a projeção, para rever cenas importantes ou difíceis; que se passe quadro a quadro imagens significativas; que se exiba a fita outras vezes para apreciar aspectos relacionados à trilha sonora, efeitos visuais, diálogos, etc. (BRASIL, 1998, p. 92).

Assim, filmes, programas de Televisão e vídeos de forma geral podem ser utilizados de diversas formas na sala de aula, como sugere Brasil (1998, p. 92):

- Como ponto de partida para a introdução de um tema;
- Como exemplo de aspectos relacionados ao assunto discutido em classe;
- Para registro e documentação de projetos desenvolvidos;
- Para que os alunos realizem produções em vídeo: encenações, programas informativos, entrevistas;
- Como avaliação, permitindo o exame de exposições orais;
- Como suporte da televisão e do cinema: gravando programas para utilização em classe;
- Exibindo filmes de longa-metragem e documentários relacionados a aspectos do trabalho desenvolvido;
- Exibindo filmes baseados em obras literárias lidas para comparação das diferentes linguagens.

Segundo Pellegrini (2003, p. 15), todas ou quase todas as pessoas tem acesso as narrativas visuais do cinema e da televisão e, para muitos, o visual é bem mais atraente que o texto escrito por captar os seguintes elementos:

[...] em primeiro lugar, e um contexto demonstrativo em vez de um contexto verbal: percebe-se pela vestimenta, características e comportamentos das personagens, pelo lugar onde estão, por seus gestos e expressões faciais, se se trata de drama ou comédia, em que época se desenvolve o enredo, enfim, de que modo o espectador está sendo convidado a fruir aquele conjunto de significados visuais componente de uma trama.

Nesse sentido, é notório que o visual é muito atraente para despertar a atenção dos alunos. Pellegrini (2003, p. 15) afirma que “[...] a imagem tem, portanto, seus próprios códigos de interação com o espectador, diversos daqueles que a palavra escrita estabelece com o seu leitor”. Não há dúvidas que o visual atrai mais a atenção do que as palavras, no entanto, deve-se utilizar esse mecanismo de atração para direcionar os alunos aos textos, tentando motivá-los a conhecer o texto escrito.

Assim, a adaptação é vista por Azeredo (1996) com um catalisador entre a literatura e o cinema, ponto em que as duas modalidades de artes “se tocam ou se repelem, se acasalam ou se agridem”. Há divergências sobre as adaptações, ora elas agradam e ora não, todavia, a adaptação deve ser entendida como uma ferramenta de importância significativa para o ensino de literatura, e deve ser vista como uma obra diferente do texto literário que a inspirou. Segundo Hutcheon (2006, *apud* Amorim, 2009, p. 2604):

[...] entende-se a adaptação como um processo de (*re*) interpretação e (*re*) criação, processo no qual primeiramente apropria-se do texto fonte para depois recriá-lo, como na adaptação de obras literárias canônicas para públicos de faixa etária jovem. Por fim, como *processo de recepção*, entende-se a adaptação como uma forma de intertextualidade, o texto baseia-se em outros textos para criar-se existindo de modo intertextual com os primeiros.

O conceito de original deve ser colocado de lado, quando se trata de adaptação. Entende-se como original o significado de algo novo, inédito e que nunca foi criado, todavia, não se pode classificar uma obra original, visto que ela é influenciada por vários fatores de qualquer natureza, sobretudo porque uma obra sempre é inspirada em outra, mesmo que de forma involuntária.

Portanto, as adaptações podem despertar um olhar bem diferenciado do leitor para a obra, proporcionando uma nova visão do papel das personagens na narrativa, personagens que outrora nunca tinham sido ouvidos, um exemplo é o filme *A Bela e a Fera* (2014), baseado no conto de fadas *A Bela e a Fera*, que oferece uma visão do conto a partir da

antagonista; este é um exemplo de que o cinema está dando voz as personagens que no texto literário não a possuem. Outro exemplo é o filme *Malevola* (2014), baseado no conto de fadas *A bela adormecida*, que mais uma vez trás à tona a voz da personagem antagonista e, nessa adaptação, a antagonista é vista como uma personagem que não é má e nem cruel. O cinema utiliza também a junção de várias obras em uma só, como no filme *Shrek* (2001). Nessa adaptação, observamos a referência a vários contos de fadas de forma dinâmica e cômica.

Todas essas formas de adaptação deixam cada vez mais evidente que o texto literário é apenas a matéria prima para o cinema. Como afirma Xavier (1996, p. 61-62):

A interação entre as mídias tornou mais difícil recusar o direito do cineasta à interpretação livre do romance ou peça teatro, e admite-se até que ele pode inventar determinados efeitos, propor outra forma de entender certas passagens, alterar a hierarquia dos valores e redefinir o sentido da experiência das personagens. A fidelidade ao original deixa ser o critério maior de juízo crítico [...].

DISCUSSÃO

Na atualidade, a adaptação da obra deve ser vista pelas lentes do ensino, por exemplo, como uma obra nova, podendo ser trabalhada sua aproximação com a obra literária e seu distanciamento. O professor deve estar aberto a esse diálogo com os alunos, sempre tentando incentivá-los a conhecerem o texto base para o filme. Contudo, é importante que haja a comparação das duas obras pelos alunos, mas sempre frisando que são artes diferentes:

Afinal, livro e filme estão distanciados no tempo; escritor e cineasta não tem exatamente a mesma sensibilidade e perspectiva, sendo, portanto, de esperar que a adaptação dialogue não só com o texto de origem, mas com o seu próprio contexto, inclusive atualizando a pauta do livro (XAVIER, 1996, p. 62).

Assim, as produções cinematográficas possibilitam um resgate, por exemplo, dos clássicos da literatura, proporcionando as novas gerações o conhecimento de uma obra pouco conhecida por eles, o que é uma forma de atualização da obra.

Com relação ao foco e o ponto de vista, “[...] no que diz respeito à adaptação, nos deparamos aí com cotejos assentados no que há de comum e que pode ser motivo de identidade ou de diferença entre o romance e o filme” (XAVIER, 1996, p. 67-68), sobretudo porque: “O cinema pode com mais facilidade, diluir as figuras humanas no contínuo do mundo do prosaico das ruas e contaminar o teor dos conflitos com tal senso da experiência ordinária” (XAVIER, 1996, p. 79). Temos como exemplo as peças de teatro de Nelson Rodrigues, que através do cinema nos fazem mergulhar nas peculiaridades de cada local que a peça descreve.

Levando em consideração que o foco da utilização do cinema em sala de aula é para facilitar o desenvolvimento do senso crítico com relação à leitura e interpretação dos textos e das obras apresentada como audiovisuais, cabe ao professor conduzir a análise sobre o filme e a obra literária, sem considerar que uma é melhor do que a outra, mas que tanto o cinema quanto a literatura possuem, já bem definidos, suas peculiaridades na forma de narrar as obras:

A literatura e o romance não mais ocupam um lugar privilegiado; a adaptação, por implicação, assume um lugar legítimo ao lado do romance, como apenas mais um meio narratológico (STAM, 2006, p. 24).

Muitas são as adaptações cinematográficas com base em livros, sendo utilizadas para fazer a propagando dos livros. Atualmente, a maioria das apartações são baseados em obras já consagradas pelo público leitor. Entre as obras mais procuradas estão as trilogias, a exemplo de a Saga *Crepúsculo*, baseado nos livros de Stephenie Meyer e *Jogos Vorazes*, baseado nos livros de Suzanne Collins. Muitos outros livros estão sendo adaptados, um exemplo no Brasil é o filme *Dom* (2003), baseado no romace de Machado de Assis, *Dom Casmurro* (1900). Essa adaptação possibilitou aos jovens que não coheciam a obra uma oportunidade de leitura e quem ja tinha lido uma possibilidade de releitura da mesma à luz da sociedade do século XXI.

Na verdade, adaptações literárias para o cinema já fazem parte do cotidiano dos alunos, visto que no Brasil e no mundo essa prática é bastante comum, o que facilita a popularização do texto literário no meio estudantil. A cultura atual é totalmente visual, portanto, deve-se utilizar o cinema como ferramenta preciosa para atrair a atenção dos alunos para a literatura, observando o texto literário e o filme como uma nova forma de texto que pode possibilitar uma ampla discursão sobre a estrutura de cada novo texto:

Sob uma perspectiva cultural, a adaptação faz parte de um espectro de produções culturais niveladas e, de forma inédita, igualitárias. Dentro de um mundo extenso e inclusivo de imagens e simulações, a adaptação se torna apenas um outro texto, fazendo parte de um amplo contínuo discursivo (STAM, 2006, p. 24).

CONCLUSÕES

Diante do exposto, subjaz a questão importante que o professor tem que, antes de tudo, gostar de literatura e de cinema, e assim poder despertar em seus alunos o gosto por eles, e após as aplicações na sala de aula estar preparado para os possíveis questionamentos a cerca da adaptação, lembrando que devem ser analisado os distanciamentos e semelhanças das obras para uma melhor aprendizagem. Uma ferramenta muito importante para que o ensino de literatura através do cinema obtenha êxito é o planejamento de forma sistemática de atividades, utilizando-se, por exemplo, a sequência didática, conforme postula Cosson (2007), na qual pode-se incluir literatura e cinema, na busca pela promoção do letramento literário em qualquer nível, Fundamental e/ou Médio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, Marcel Alvaro de. (Re) Criando Shakespeare: *Adaptação cinematográfica de obras literárias como prática de leitura*. – Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- AZERREDO, Genilda. Literatura, cinema, adaptação. In: *Graphos*. Revista de Pós-Graduação em Literatura da UFPB. Ano I, vol. 2. João Pessoa: EDUFPB, 1996.
- BALDI, Elizabeth. *Leitura nas séries iniciais: uma proposta para a formação de leitores de literatura*. Porto Alegre Editora Projeto, 2009.
- BARBOSA, José Juvêncio. *Alfabetização e leitura*. São Paulo: Cortez, 2ª Ed. 1994.
- BAZIN, André. Por um cinema impuro: defesa da adaptação. In: BAZIN, André. *O cinema: ensaios*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei, nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996*.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: 1997-1998.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental: Língua Portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/ SEF, 1998.*

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais : terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1998.*

BRITO, João Batista. *Imagens Amadas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1995.

BRITO, João Batista. *Literatura no cinema*. São Paulo: Unimarco, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul/Duas Cidades, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. São Paulo: Ática. 1991

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola/Teresa Colomer*. São Paulo: Global, 2007.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. São Paulo: Cortez. 2006.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2,ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e para o escrito: apresentação de um procedimento. In.: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

ESTRELA, Werlayne Kelly Anacleto Quaresma. *Literatura e cinema: sequências didáticas com contos de fadas*. Cajazeiras: UFCG (monografia de conclusão de Curso de Especialização). 59fl.

GUIMARÃES, Denise Azevedo Duarte. Teoria(s) da adaptação e as aporias da fidelidade. – Tuiuti: Ciência e Cultura. Curitiba: 2012.

_____. *Literatura: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (coleção Explorando o Ensino; v.20).

MACHADO, Ana Maria (2002). *Como e porque ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva.

ROJO, R. Modelização didática e planejamento: duas práticas esquecidas dos professores? In.: KLEIMAN, A. *A formação do professor*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

SALES, Francisco Luiz Oliveira. *Cinema e verdade*. São Paulo: Companhia das Letras e Rio de Janeiro: Fundação do Cinema Brasileiro, 1988.

SOARES, M. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, R. & SILVA, E. T. (orgs.) *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. Porto Alegre. Mercado Aberto, 2004.

STAM, Robert. *A literatura através do cinema: realismo, magia e arte da adaptação*. – Belo horizonte: Editora UFMG, 2008.

STAM, Robert. *Teoria e Prática da Adaptação: Da Fidelidade à Intertextualidade*. (2006, p. 49). In: CORSEUIL, Anelise R. (ed): *Ilha do desterro: Film Beyond Boundaries*. – Florianópolis: UFSC, nº 51, Jul/Dez 2006

XAVIER, Ismael (Org.) *O cinema no século*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.